

# Intermediações: sobre *Lábaro Estrelado*

Eneida Leal Cunha<sup>1</sup>

*Lábaro Estrelado*, concebido e construído a partir de um acervo de 265 músicas populares brasileiras de diversas épocas, reunido por um criterioso trabalho de pesquisa, é aqui a culminância exemplar de um processo de criação. O texto dramático de Cleise Mendes vale-se do já dito – neste caso, mais precisamente, de signos musicados que estão impressos em quase todos os ouvidos, corações e mentes brasileiros – para compor um espetáculo teatral em que as imagens visuais, as palavras e os sons colaboram e confrontam-se ao mesmo tempo, explorando ininterruptamente o jogo entre reconhecimento e estranhamento.

As personagens de *Lábaro* têm nomes que imediatamente ecoam na memória do público ou do leitor como frases musicais – Lindonéia, Maringá, Dagmar, Lígia, Arlindo Orlando, Kátia F. – ou que evocam a história da MPB, como Nara Lee e Vinícius, mas isto não é tudo. Se o nome de cada uma dessas personagens remete a uma específica música, sua caracterização foi desentranhada de um aglomerado de situações e tipos humanos que vêm sendo cantados pela música popular. Ou seja, se a nomeação pode ser remetida a uma autoria ou a uma assinatura, a ação das personagens em cena explora a pluralidade anônima e coletiva que se projeta nas letras das músicas.

*Lábaro* é um largo e sensível painel dessa gente brasileira que ama, sofre, luta, canta e quer ser feliz, sem brechas por onde possam se insinuar qualquer resquício de pieguice, ufanismo ou ressentimento; exhibe ao público – e agora ao leitor – com delicadeza e contundência, o lirismo do júbilo e das dores de amor, os encontros e desencontros apaixonados que vêm sendo vividos e cantados pelos brasileiros; mas, paralelamente, expõe situações-limite, em que a violência do drama social urbano atinge o seu ponto de inflexão trágica – “Olha aí... é o meu guri” / “Tá lá o corpo

estendido no chão”. Através do recurso à colagem de versos dispersos, a peça incorpora e interpela a memória do país, a partir de um ponto de vista muito ouvido por todos, mas muito pouco considerado pela cultura letrada, uma visão de mundo plasmada na vida cotidiana que habita as ruas, as favelas, as margens, o morro, o sertão, o exílio. A essas vozes rigorosamente populares da música, a autora aproxima outras, que têm extração erudita mas são capazes de cantar afinadas ao tom predominante e maior, colaborando para transformar a música brasileira numa possibilidade extraordinária de convívio e de contraste, de atrito e de troca entre o que em nós é conflitivo, doce e bárbaro.

Para os que não tiveram a oportunidade de assistir ao belo espetáculo encenado por José Possi Neto na Sala do Coro do Teatro Castro Alves, na temporada de verão de 1999, o texto de *Lábaro Estrelado* se torna particularmente instigante. É difícil, diante da palavra impressa, “esquecer” a musicalidade impregnada em cada frase, em cada fala das personagens, pois são todas elas um rearranjo de versos memorizados pela audição continuada de uma trilha sonora que acompanha, através dos rádios, da televisão, dos aparelhos de som, o nosso dia a dia brasileiro. Mas este desafio é o convite melhor que a peça nos faz: escutar ou perscrutar o Brasil que as letras da música popular contêm e expressam. O texto de Cleise Mendes pode querer nos dizer que talvez só ela, a música popular, entre todas as demais linguagens artísticas, seja capaz de dar conta, de agregar e integrar a multiplicidade de vivências sociais, geográficas, culturais e estéticas que são resultantes, por um lado, da riqueza humana e cultural que nos constitui; por outro lado, das separações e das desigualdades que nos constroem. Lido assim, *Lábaro Estrelado* é uma homenagem do teatro à música e à gente do Brasil.

<sup>1</sup> É Professora titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia e participa do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA.